



A QUEDA DE MARCAS MORFOLÓGICAS DO DATIVO DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO¹

THE LOSS OF MORPHOLOGICAL MARKS OF THE THIRD
PERSON DATIVE IN AFRO-BRAZILIAN PORTUGUESE

Isis Juliana Figueiredo de Barros²
Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB

Resumo: Este artigo objetiva discutir acerca da queda do núcleo aplicativo no Português Afro-brasileiro, expresso morfologicamente no Português Europeu pela preposição *dummy a* e clíticos dativos de terceira pessoa *lhe/lhes*. A análise tem por principal argumentação a escassez e a ambiguidade de *inputs* na situação de contato entre línguas ocorrida durante o período colonial no Brasil. Com base nas teorias de aquisição de L2, afirmo que o contato do português com as variedades de base banta (quimbundo, quicongo e umbundo) é a principal razão para o surgimento de uma nova expressão do caso dativo observada no Português Afro-brasileiro. Por fim, a metodologia tem por base os pressupostos labovianos, de modo a realizar o levantamento quantitativo estatístico dos dados.

Palavras-chave: Marca morfológica de dativo; Preposição *a*; Clítico de terceira pessoa; Aquisição de L2; Português afro-brasileiro.

¹ Esse artigo reflete parcialmente os resultados da Tese de Doutorado (BARROS, 2018).

² Endereço eletrônico da autora: julianaisis@gmail.com.

Abstract: *This article aims to discuss the loss of the applicative head in Afro-Brazilian Portuguese, expressed morphologically in European Portuguese by the preposition dummy *a* and third-person dative clitics. The analysis has as main argument the shortage and the ambiguity of inputs in the situation of contact between languages occurred during the colonial period in Brazil. Based on the theories of L2 acquisition, I affirm that the Portuguese contact with bantu-based varieties (Kimbundu, quicongo and umbundu) is the main reason for the emergence of a new expression of the dative case observed in Afro-Brazilian Portuguese. Finally, the methodology is based on the Labovian assumptions, in order to carry out the quantitative statistical survey of the data.*

Keywords: *Morphological mark of dative; Preposition *a*; Third-person clitic; Acquisition of L2; Afro-Brazilian Portuguese.*

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é analisar, em *corpus* de fala de comunidades afro-brasileiras do estado da Bahia, a queda da preposição *dummy a* e do clítico *lhe(s)*, marcas morfológicas de caso dativo de terceira pessoa, com traço semântico de *alvo/meta* em contextos de verbos bitransitivos dinâmicos, conforme exemplo em (1)

- (1) a. Enviou-**lhe** uma carta.
a'. Enviou-**lhe a** ela
b. O José enviou uma carta **à Maria**
b'. *Enviou **a ela**.

(TORRES MORAIS, 2007, p. 101)

A tradição gramatical, seguindo o padrão lusitano, propõe que o dativo de terceira pessoa seja apenas realizado pelo clítico *lhe*, conforme (1a), ou pela preposição *dummy a*, conforme (1b). Além disso, sentenças com a expressão pronominal *a ele/a ela/ a eles/ a elas* sem o redobro com o clítico *lhe(s)*, como em (1b'), são agramaticais, conforme demonstra Torres Morais (2007).

Diferentemente ao que se observa no Português Europeu (PE), no PB-afro, é possível constatar um uso considerável das preposições *a* e *para* (2a-b), principalmente *para*, como as principais estratégias de marcação de caso dativo, em detrimento dos clíticos dativos (3).

- (2) a. Eu ensino **a ele**. Eu digo **a ele** pa num ir de junto, pa ININT sozinho.
(SP-01)
b. quand'eu levei ela **pro médico** (HV-01)

(BARROS, 2018, p. 20)

- (3) Mas é como tô **lhe** falano. Já no causo de quebrá a peda (CZ-06)

Os exemplos do PB-afro em (2-3) demonstram um padrão distinto do PE. Em (2a), ainda que não haja redobro do clítico dativo, o dativo pronominal preposicionado por *a* ainda é possível no PB-afro, diferente do PE, em que se observa a agramaticalidade, conforme o exemplo em (1b’).

No PB-afro, também é possível observar o uso da preposição *para* em contexto de dativo *alvo/meta* como variável da preposição *a* (2b), enquanto na variedade europeia o uso do *para* nesses contextos é agramatical (DUARTE, 2003; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006; TORRES MORAIS, 2007). Além disso, no PE, não se verifica o uso do clítico *lhe* referindo-se à segunda pessoa, com ocorre no PB-afro em (3). Essas diferenças evidenciam uma mudança na expressão do dativo, de modo que a marcação desse caso deixa de ser morfológica e passa a ser estritamente sintática. Assumindo Barros (2018), defendendo que as mudanças quanto à expressão morfológica do dativo de terceira pessoa observadas no *corpus* do Português afro-brasileiro (PB-afro) são resultantes do contato entre línguas com as línguas indígenas autóctones e africanas ocorrido no Brasil, sobretudo na Bahia, ao longo do período colonial, distanciando-se do padrão do PE, tendo em vista a sócio-história da formação do português brasileiro (doravante PB), fato que vem sendo discutido por diversos autores na literatura acerca da sócio-história linguística do Brasil (MUSSA, 1991; TARALLO (1993); LOBO, 2003; MATTOS; SILVA, 2004; LUCCHESI E BAXTER, 1997; 2006; LUCCHESI, 2009; PETTER; CUNHA, 2015; e outros)

Tais diferenças sugerem que, embora o padrão do PE no papel de língua-alvo tenha sido a principal referência linguística que serviu de base para a formação do PB-afro, variedade falada nas comunidades rurais afro-brasileiras analisadas neste estudo, o contato linguístico entre os falantes de diversas línguas africanas³, sobretudo as bantas, e menor quantidade de falantes do português, conforme demonstra Mussa (1991, p. 149), teria sido, de modo geral, um fator determinante na escolha dos novos padrões linguísticos na aquisição do português pelos africanos trazidos ao Brasil como mão-de-obra escrava. Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é averiguar no PB-afro a manifestação da expressão de dativo e quais fatores externos estavam envolvidos no processo de aquisição de L2 no transcórre da formação das seguintes comunidades afro-brasileiras do estado da Bahia: *Helvécia* localizada em Nova Viçosa – sul do estado, *Cinzento* em Planalto – sudoeste do estado, *Barra* e *Bananal* no município de Rios de Contas – localizado ao sul da região da Chapada Diamantina, e a comunidade de *Sapé* no município de Valença – na região Sul do recôncavo baiano.

O *corpus* da presente análise pertence ao acervo do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*⁴, fundado desde 2001 e coordenado pelo Prof.

³ Conforme tem se assumido no âmbito do projeto Vertentes, coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi e pelo Prof. Dr. Gredson dos Santos.

⁴ Para mais informações, acesse: <http://www.vertentes.ufba.br/>.

Dr. Dante Lucchesi e pelo Prof. Dr. Gredson dos Santos. Ao todo, o *corpus* é constituído de 48 inquéritos, sendo 16 de cada faixa etária, distribuídos em três faixas: a) faixa I (20 aos 40 anos); b) faixa II (40 aos 60 anos); e faixa III (acima dos 60 anos), sendo simetricamente por 50% de informantes do sexo masculino e 50% do sexo feminino.

Este artigo está assim organizado: na próxima seção, apresento o contexto sócio-histórico das comunidades falantes do PB-afro; na seção 3, trago as principais noções de como a expressão do dativo apresenta o padrão na língua-alvo, o PE; na seção 4, serão apresentados dados do quimbundo, umbundo e quicongo e como o dativo é expresso nessas línguas bantas; na seção 5, faço uma análise sob o ponto de vista da sócio-história e teorias da aquisição; por fim, apresento as principais conclusões e referências.

1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DAS COMUNIDADES FALANTES DO PB AFRO

De acordo com Lucchesi *et al.* (2009, p. 75), a formação das comunidades teve seu início em quilombos e/ou em terras que foram herdadas por ex-escravos como pagamento pelo trabalho após a Lei Áurea. Geralmente localizadas em região longínqua em relação aos centros urbanos e, portanto, isoladas do processo de avanço industrial nas principais cidades brasileiras, mantendo-se nessa situação até a segunda metade do século XX (LUCCHESI ET AL, 2009). O autor observa ainda que a formação étnica e econômica dessas comunidades é baseada essencialmente nas atividades de subsistência baseadas na agricultura familiar, em torno dos engenhos ou agrupamento familiar quilombola. Por essa razão, e com o fim da agroexportação e da escravidão, uma característica muito peculiar dessas comunidades é a formação majoritária por filhos, netos, bisnetos diretos de escravos africanos (LUCCHESI AT ALI, 2009), o que constitui um contexto propício ao surgimento de uma língua crioula, sobretudo em relação às primeiras famílias das comunidades afro-brasileiras, tal como a comunidade de Helvécia (BAXTER; LUCCHESI, 1999; LUCCHESI ET ALI, 2009).

Dessa forma, assumindo Lucchesi (2009a), ressalta-se que essas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas são resultantes de alguns fatos sócio-históricos do Brasil colonial, os quais são necessários para a compreensão da formação dessa variedade em foco neste estudo.

O primeiro fato corresponde à língua portuguesa, falada pelos colonizadores, que terminou por ser imposta aos índios integrados socialmente, e aos africanos que chegaram ao Brasil. Isso gerou uma situação de contato intenso entre as línguas africanas, indígenas e o português, de modo que os nascidos no Brasil, filhos de africanos, tinham como língua alvo um modelo precário do português, terminando por adquirir e desenvolver uma língua com

traços das línguas de substrato (LUCCHESI; BAXTER, 1993; LUCCHESI, 2003, 2009; BAXTER, 2009).

O segundo fato diz respeito ao relativo isolamento dessas comunidades rurais afro-brasileiras no tocante às zonas urbanas até a segunda metade do século XX (LUCCHESI AT ALI, 2009), conforme já mencionado, e também o difícil acesso à língua franca portuguesa falada nas cidades grandes. Esse cenário teria favorecido a conservação dos traços linguísticos, sobretudo, no dialeto dos mais velhos, decorrentes do contato entre línguas durante o período colonial provenientes do modelo de português falado por gerações antepassadas dos seus membros (LUCCHESI, 2009).

O PB-afro, como se pode observar, além de ser falado em comunidades afastadas dos centros urbanos, preserva indícios de uma gramática resultante do contato entre o português e as línguas africanas (GOMES, 2014⁵; LUCCHESI; MELLO, 2009; LUCCHESI, 2012, e outros). Por essas razões, assumo a vertente teórica que diz que o contexto sócio-histórico dessas comunidades teria propiciado a formação de variedade linguística semelhante às línguas crioulas (LUCCHESI, 2000; LUCCHESI; BAXTER, 2006; 2009), as quais se definem por surgirem a partir de situações excepcionais de aquisição em que a primeira língua de um grupo de falantes nativos é baseada em uma segunda, falada de modo defectivo por gerações anteriores, quando adquiridas como L2, tal como o *pidgin* (BAXTER; LUCCHESI, 1993; 1997). No entanto, apesar dessas características, conforme defendem Lucchesi e Baxter (2006; 2009) e Lucchesi (2009b), outros fatores sócio-históricos promoveram um movimento inverso a uma possível criouliização, tendo em vista que o contato com a língua alvo tornou-se uma força contrária à formação de um crioulo propriamente dito, por meio do incentivo à normatização da língua portuguesa no país, o rápido processo de urbanização do Brasil principalmente no século XIX, entre outros fatores apontados pelos autores.

Além do mais, embora o PB-afro falado nessas comunidades possua características distintas do PB culto e do PE, não se pode dizer que essa variedade tenha concluído seu processo de criouliização ou estaria passando por processo de descriouliização (COELHO, 1880 apud Tarallo 1993; TARALLO, 1993; GUY, 2005; e outros). E, no que se refere ao passado das comunidades observadas, não se tem qualquer documento que registre tal fato, embora alguns autores apontem fenômenos que poderiam indicar um período de criouliização do PB de modo geral (GUY, 1981; TARALLO, 1993, etc.) e no PB-afro (BAXTER; LUCCHESI,

⁵ Gomes (2014) demonstra que no PB-afro há o uso de um único conector (mais) para estabelecer relação de coordenação e subordinação; Lucchesi e Mello (2009) tratam a respeito da alternância dativa nessas comunidades, com a perda da preposição em contexto de verbos bitransitivos; Lucchesi (2012) defende que a concordância variável nominal e verbal é resultante do mesmo processo em torno do contato entre línguas.

1993; 1997; BAXTER, 1996; LUCCHESI AT ALI, 2009), discussão que extrapolaria os limites deste artigo.

Sobre a influência das línguas africanas no PB-afro, defendo que, já nos primeiros séculos, as línguas bantas tiveram efetiva participação na formação linguística dessa variedade. Essa afirmação pauta-se em alguns fatores sócio-históricos que servem como forte evidência de que as principais línguas de base banto trazidas pelos africanos para o Brasil, inclusive para o interior da Bahia, interviu na formação do PB-afro: i) o fato de o Brasil ter sido porto para um tráfico contínuo de escravizados africanos (aproximadamente 3,5 milhões) da Costa Norte (atualmente: Nigéria – de Benim ao Tongo) e sul africana (Congo e Angola) e, no século XIX, do oriente africano (Moçambique), majoritariamente africanos bantos proveniente das últimas regiões (MUSSA, 1991; PESSOA DE CASTRO, 2001; PETTER; CUNHA, 2015), de modo que essa situação terminou por gerar, de acordo com Mattos e Silva (2004), um multilinguismo no Brasil, devido ao convívio de falantes do português, das línguas indígenas autóctones e das línguas africanas de diferentes famílias; ii) a maior facilidade de integração social por parte do grupo étnico-linguístico banto ao ambiente colonial, dominado pela cultura e língua, através das estratégias de dominação do colono português de convívio familiar, apadrinhamento, religião e miscigenação, sobretudo aqueles da zona rural (VIANNA FILHO, 2008 [1946]); MATTOSO, 1982; LUCCHESI, 2009; PETTER, 2006; PETTER; CUNHA, 2015). Assim, esses fatores sócio-históricos e demográficos parecem apontar para a possibilidade da influência do elemento africano banto no tocante à formação do PB-afro (sobretudo do quimbundo, umbundo e quicongo).

Considerando os fatos anteriormente narrados, com a finalidade de explicar o comportamento dos falantes analisados das comunidades afro-brasileiras quanto ao uso das marcas morfológicas de dativo, considera-se, em primeiro lugar, o processo de aquisição do português pelos africanos durante o período colonial no Brasil, bem como o papel de sua língua materna de substrato (sobretudo quimbundo, umbundo e quicongo) nesse processo, no tocante ao aprendizado do português como L2, e consequente aquisição como L1 a partir do código linguístico emergencial formado no período de contato intenso entre línguas. Em segundo lugar, considera-se a formação da variedade brasileira, observando os aspectos pertinentes à formação do PB-afro, como se observa na seção de análise.

2 A EXPRESSÃO DO DATIVO NO PE

Diversos trabalhos de cunho gerativista e sociolinguístico têm atestado que a preposição *para* no PB é a estratégia mais frequente para atribuição de caso dativo. Por um lado, os trabalhos no âmbito da Teoria Gerativa buscam explicar

o licenciamento sintático do dativo, se por meio de aplicativo (PYLKKANEN, 2002), se por meio de preposições e, por outro lado, os de caráter variacionista buscam explicar principalmente os fatores sociais envolvidos na variação e mudança da expressão do dativo, seja morfológica ou sintática (SCHER, 1996; ARMELIN, 2011; FREIRE, 2005; BARROS, 2008; BARROS; RIBEIRO, 2011; GOMES, 2003; BERLINCK, 1997; 2000; 2001; 2009; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006; TORRES MORAIS; SALLES, 2007, entre outros).

Embora as estratégias *a* e *para* (4a-b) sejam concorrentes no PB e PB-afro (ARMELIN, 2011; BAXTER; MELLO; SANTANA, 2014; BARROS, 2018), no PE somente é possível a ocorrência das marcas morfológicas *a* e *lhe(s)* nesses contextos, como o exemplo em (4b-d), conforme Torres Morais (2007). Além disso, enquanto é possível apenas a realização da marca morfológica *a* e elemento pronominal lexical com o redobro do clítico *lhe* no PE (4e) (DUARTE, 2003; TORRES MORAIS, 2007; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006), no PB-afro não se observa o redobro do clítico (4d) (BARROS, 2018).

- (4) a. Cíntia deu uma tiara de diamante **para** a sobrinha (PE*/PB/PB-afro)
- b. Cíntia deu uma tiara de diamante **à** sobrinha (PE/PB/PB-afro⁶)
- c. Cíntia deu-*lhe* uma tiara de diamante (PE/PB culto)
- d. Cíntia deu-*lhe a ela* uma tiara de diamante (PB*/PE)
- e. Cíntia deu-*lhe* uma tiara de diamante (PB/PE*)

No exemplos em (4), em ambas as variedades do português, observam-se as seguintes propriedades: a) possibilidade de ocorrência com a forma clítica *lhe(s)*; b) traço [+humano] ou é interpretado dessa forma; c) configuração de comando assimétrico, nos termos de Barss e Lasnik (1986); d) argumento previsto pelo núcleo do predicador, não é adjunto; e) possibilidade de ocorrência na posição adjacente ao verbo ou posposto ao argumento acusativo; e) inserção no dativo em contexto de verbos de transferência ou movimento; f) predicador verbal que seleciona obrigatoriamente dois argumentos internos (*tema* e *alvo/meta*) (BAKER, 1988; LARSON, 1988; ORDÓÑEZ, 1999; BERLINCK, 1996; PYLKKANEN, 2002; TORRES MORAIS, 2007; RAMOS; SALLES, 2017).

Apesar dessas semelhanças, o conjunto de restrições nos exemplos em (4) evidencia claramente que há um padrão morfossintático distinto entre as variedades europeia e brasileira. No PE, a preposição *a* (nunca *para*) é marca morfológica (BRITO, 2003; TORRES MORAIS, 2007) ou preposição *dummy*, sendo uma construção aplicativa quando há redobro do clítico⁷ (TORRES MORAIS, 2007; TORRES MORAIS E BERLINCK, 2006), de modo que (3c-d) é uma construção de duplo objeto (COD) e (3b), sua contraparte preposicionada sem

⁶ A preposição *a* é principalmente falada no Brasil por pessoas que usam a norma culta da Língua Portuguesa.

⁷ Conforme a autora, possui o sentido de uma sentença redobrada e de contraste.

clítico é uma construção bitransitiva preposicionada (CDP), configurando-se no fenômeno de alternância dativa⁸. Além disso, no PE, a preposição *para* ocorre em contexto bem específico, com dativo *beneficiário*, sendo somente possível se houver uma relação de transferência não direta entre o acusativo e dativo, haja vista que somente há relação direta se for a marca morfológica *a* (XAVIER, 1989; TORRES MORAIS, 2007), conforme (5).

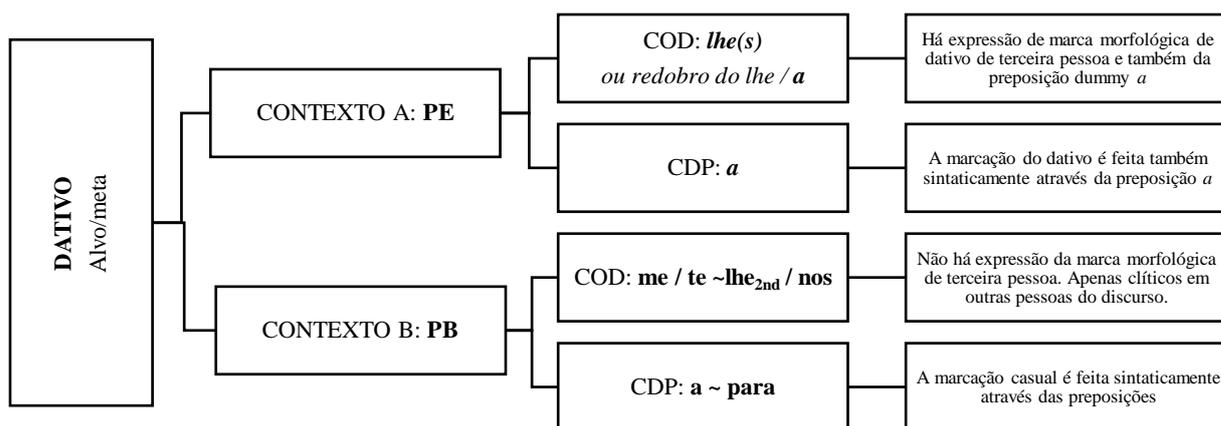
- (5) a. A Maria fez um jantar **aos convidados/fez-lhes** um jantar
 b. A Maria fez um jantar **para os convidados**

(TORRES MORAIS, 2007, p. 91)

Segundo Torres Morais (2007), no exemplo em (5a), o jantar foi oferecido aos convidados e eles receberam de modo direto, por isso, a única preposição possível nesse contexto é *a*; já em (5b) os convidados se beneficiarão do evento, mas podem ou não comparecer ao local do jantar para tal benefício.

Distintamente, no PB, de modo geral, e no PB-afro, conforme os exemplos em (2), o dativo *alvo/meta* é introduzido pela preposição *para*, de maneira praticamente categórica, configurando-se em uma CDP. Enquanto no PE, o dativo *alvo/meta* manifesta-se principalmente em uma COD (BARROS, 2008; 2018; BARROS; RIBEIRO, 2011; GOMES, 2003; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006; TORRES MORAIS; SALLES, 2007; 2010). A figura 1, a seguir, sintetiza os aspectos que diferem o PB; inclui o PB-afro, e PE quanto à expressão morfológica de dativo de terceira pessoa.

Figura 1 - Diferenças configuracionais da expressão do dativo no PE, no PB, e também PB-afro.



Fonte: Elaboração própria.

⁸ Torres Morais (2007) propõe que o fenômeno é semelhante ao do Espanhol (CUERVO, 2003).

Torres Morais (2007) defende que, assim como no Espanhol (CUERVO, 2003), o contexto A na figura 1 se consiste no fenômeno da alternância dativa, em que há uma contraparte com o redobro do clítico dativo (COD) e a outra preposicionada (CDP). Uma vez assumido que há alternância dativa no PE, nos moldes do Espanhol e verificada no inglês, a autora assume a análise de Pylkkänen (2002), e afirma que o clítico *lhe(s)* no PE seria licenciado por um núcleo aplicativo baixo, em posição de especificador da projeção aplicativo⁹, podendo alternar-se com qualquer *a*-DP lexical de maneira complementar no PE na mesma posição (TORRES MORAIS, 2007). Nessas construções, quando ocorre um *a*-DP em COD (4d), *a* é um marcador dativo, ou uma preposição *dummy*, posicionado *in situ* para marcar caso inerente (TORRES MORAIS, 2007; TORRES MORAIS; SALLES, 2007), e quando ocorre em CDP (4b), *a* é uma preposição que possui conteúdo semântico, de acordo com a autora.

A fim de explicar o licenciamento do dativo em COD, Pylkkänen (2002) defende que, em verbos de transferência, o dativo pode ser projetado por meio de um *AppIP*, com núcleo aplicativo baixo, e postula que os argumentos não nucleares podem ser introduzidos na estrutura argumental de alguns verbos por meio de núcleos aplicativos que os licenciam nas construções bitransitivas, em vez do desdobramento de VP assumido na teoria até então (LARSON, 1988).

Segundo a autora, o dativo pode ser expresso morfologicamente por meio de um aplicativo em estruturas COD, em diversas línguas, como por exemplo: no Chaga, uma língua banta da família Níger-congo do grupo E (Classificação de Guthrie), falada no norte da Tanzânia, e no inglês. No entanto, apesar de semanticamente similares, a forma como o dativo é aplicado na estrutura distingue-se nas línguas, podendo ser aplicado i) apenas em estruturas que preveem aplicativo (COD); ii) sofrer alternância dativa com e sem núcleo aplicativo (respectivamente COD e CDP); iii) ou apenas ocorrer em estruturas bitransitivas cujo dativo é regido por preposição (CDP) (BAKER, 1988; MARANTZ, 1993; PYLKKANEN, 2002). Assumo para a presente a análise que, por influência do substrato africano, no tocante ao dativo de terceira pessoa, o PB-afro termina por apresentar um padrão diferente do PE (ii), apresentando um padrão como em (iii).

É válido salientar que, ao expandir a noção de aplicativos para os demais contextos verbais, a proposta de Pylkkänen (2002) termina por contribuir para o estudo do dativo, porque adota o aplicativo como parte do inventário das categorias funcionais disponíveis na Gramática Universal, no modelo da Morfologia Distribuída. Essa noção da autora demonstra que a presença ou ausência de uma marca morfológica de dativo configura-se em um parâmetro

⁹ Há uma sutil diferença da proposta da autora em relação ao que é postulado por Cuervo (2003), já que esta assume para o Espanhol que o clítico dativo de terceira pessoa *lles* é a realização fonológica dos traços de concordância do dativo, posicionado no núcleo da projeção aplicativo.

linguístico nas línguas. Tendo isso em vista, a proposta da Pylkkänen (2002), sobretudo para as línguas bantas (BAKER, 1988; MARANTZ, 1993), vem sendo seguida por diversos autores, como, por exemplo: Cuervo (2003), para o Espanhol, Torres Morais (2006), para o PE, Armelin (2011) para o PB, e Ramos e Salles (2017) para o PB dialetal, Barros (2018) para o PB-afro.

A fim de explicar como os dados linguísticos primários de base portuguesa tornaram-se ambíguos para os falantes do substrato do quimbundo, quicongo e umbundo, a seguir, há uma descrição sobre o dativo nessas línguas.

3 A EXPRESSÃO DO DATIVO NAS LÍNGUAS DE SUBSTRATO BANTO

Segundo Chavagne (2005, p. 225), nas línguas quimbundo, umbundo e quicongo, as estratégias prepositivas **ku** e **mu**¹⁰ se alternam de acordo com a consoante e concordância rítmica, como no poema "Muimbu ua Sabalu" de Mário Pinto de Andrade, em que ora o locativo aparece ora antecedido por **ku** (6a) ou por **mu** (6b). Além disso, Chavagne (2005) diz que essas preposições variam conforme a combinação com as consoantes iniciais dos nomes que precedem. O autor explica que essas três preposições são de "aluguel", pois são facilmente intercambiáveis, sem grandes restrições, nos contextos de contato entre línguas, conforme (6).

(6) a. *mu* tumisa **ku** São Tomé
Eles **os** levaram para São Tomé.

b. *ku* tumisa **mu** São Tomé
Eles **te** levaram para São Tomé.

O autor observa que a alternância em (6) é decorrente do fato de que os pronomes casuais são homônimos das preposições e, por questões de ambiguidade no próprio padrão dessas línguas, não são intercambiáveis, já que, conforme Hagemeijer (2016), nessas línguas bantas, tanto OD (7) quanto dativo (8)¹¹ podem ser representados pelo mesmo prefixo imediatamente à esquerda do verbo.

¹⁰ Ou forma equivalente.

¹¹ Esta tendência é verificada no Português de São Tomé (PST) (HAGEMEIJER, 2016) quando os falantes não fazem distinção entre acusativo ou dativo nas formas clíticas *le* (s), acentuando-se, conforme o autor, quando se verificam outras estratégias de terceira pessoa introduzidas por *a* ou *para* e perda do clítico acusativos *a(s)/o(s)*. Essa tendência ocorre também no PB, em que se verifica o uso do reconfigurado como *lhe* como clítico acusativo.

-
- (7) a. Kàbhúlú ka-mù-bhit-íle.
12.lebre 12-1-ultrapassar-PST
'A lebre ultrapassou-o.'
(MIGUEL, 2003, 55 apud HAGEMEIJER, 2016, p. 59)
- b. Nga **mu** mono kya
1SG.acus ver adv
'Eu o vi já'
(NZAU, VENÂNCIO E SARDINHA, 2013, p. 172)
- (8) Nga-**mu**-bane ma-honjo.
1SG.PST-1-dar.PST 6-banana
'Eu dei-lhe (algumas) bananas.'
(NZAU, VENÂNCIO E SARDINHA, 2013, p. 172)

Considerando que os pronomes nas línguas bantas servem tanto para acusativo quanto para dativo (CHARTELAIN, 1888-89; GALVES, 2018), em concorrência às variantes preposicionadas, conforme menciona Hagemeijer (2016), o uso comum dos clíticos, independentemente da função sintática, é um fator que conduz à hipótese de que a situação de contato entre línguas no Brasil teria motivado a perda do clítico dativo de terceira pessoa no PB (*lhel/lhes*), reanalisando esse clítico para a segunda pessoa e, a fim de eliminar a ambiguidade, expressando a terceira pessoa através das preposições (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006; TORRES MORAIS; SALLES, 2007; TORRES MORAIS, 2007) e PB-afro (BARROS, 2018), conforme defendo na seção a seguir.

4 O PB-AFRO: A QUEDA DO CLÍTICO DE TERCEIRA PESSOA

A fim de fundamentar a explicação, no âmbito intralinguístico, retomo a proposta de mudança de parâmetros linguísticos por meio de aquisição de língua incompleta que, segundo a qual, a ausência de especificação de traços em um determinado termo implica a escolha de um termo não marcado, porém o inverso não é verdadeiro (ROBERTS, 2007).

A proposta de mudança paramétrica para Roberts (2007) prediz que a quantidade de traços formais e o esforço de movimento de um parâmetro são proporcionais à marcação em uma determinada língua. Considerando essa premissa, a abordagem de mudança paramétrica de Roberts prevê que o valor *default* (não marcado) é mais minimalista, mais econômico, e é preferencialmente escolhido na ausência de DLP de expressão ou marca morfológica em situações de contato entre línguas. Devido a essa característica, o autor diz que é natural perceber nas línguas crioulas uma tendência a um padrão gramatical semelhante entre si pela escolha de valores não marcados, o que, conforme o autor,

certamente não significa dizer que em línguas não crioulas há somente valores de parâmetro marcado, em vez disso, significa evidenciar que ambas tipologias de língua têm à sua disposição no processo de aquisição de língua ambos os valores paramétricos: marcado e não marcado, conforme esquema baseado nas operações sintáticas, a seguir, em (9).

(9) Operação *Move* > Operação *Agree* > nenhum dos dois
(ROBERTS, 2007, p. 255)

Roberts (2007) explica que o símbolo “>” significa “mais marcado”, de modo que um valor paramétrico é i) mais marcado se houver concordância; ii) mais ainda marcado se houver concordância e movimento; iii) ou não marcado se houver a ausência dessas duas operações sintáticas, de sorte que as propriedades observadas em ii) tornam uma estrutura mais complexa que i) ou iii).

Considerando a noção de evidência negativa de Chomsky (1981), Roberts (2007) demonstra que na falta de alguma pista linguística das operações *move* e *agree* nos DLP, o adquirente não fixa um parâmetro marcado, mas o valor paramétrico *default* não marcado, ou em outras palavras: para que os valores marcados sejam adquiridos pela criança, é necessária a evidência positiva nos *inputs* por meio de algum recurso linguístico, como o morfológico ou fonológico, por exemplo, os quais serviriam como gatilho para a fixação de um parâmetro na fase de aquisição da língua. O autor argumenta que tal gatilho ou pista é tão importante que, a aquisição de L2 em situações extremas de contato, como o caso da formação de *pidgin* em que se verifica a erosão gramatical e perda de traços formais (associados aos núcleos sintáticos), poderia afetar os DLP de tal forma, provocando a mudança sistêmica de uma geração para outra.

A proposta de Roberts (2007) revalida a proposta de Baxter e Lucchesi (1993;1997) no que tange à explicação de que o processo de simplificação morfológica no PB-afro teria gerado evidências *menos visíveis* nos DLP no processo de aquisição das primeiras gerações, as quais fizeram parte da formação das comunidades analisadas neste artigo. Assim sendo, considerando os processos de aquisição de L2, defendo que os DLP da língua-alvo, o PE, demonstraram-se ambíguos para as primeiras gerações de falantes do PB-afro, no tocante à expressão morfológica de caso dativo.

Quanto à gramática das construções dativas, defendo ainda que a ausência ou falta de DLP rico em expressão morfológica de aplicativo, parâmetro marcado pelos traços de caso fonologicamente realizados por meio do clítico de terceira pessoa *lhe(s)* e da preposição *dummy a*, principalmente em construções de redobro (COD), durante a aquisição do português como L1 pelas gerações subsequentes às primeiras gerações das comunidades, desencadeou no uso do parâmetro não marcado da língua alvo: o uso de dativo de terceira pessoa por introdução de um

item prepositivo (*a* ou *para*), não pelo marcador *dummy a* morfológico da COD, evidência da construção aplicativa no PE (PYLKKANEN, 2002; TORRES MORAIS, 2007; CUERVO, 2003), conforme se observa na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1-Distribuição e frequência pelas faixas etárias dos clíticos e das preposições dativas no PB-afro

	Clíticos	PREP <i>a</i>	PREP <i>para</i>	Total
	Ocor. - %	Ocor. - %	Ocor. - %	Ocor. - %
FAIXA III	130 - 68,4%	26 - 13,6%	34 - 17,8%	190 - 35,6%
FAIXA II	109 - 59,8%	23 - 12,6%	50 - 27,4%	182 - 33,9%
FAIXA I	57 - 34,7%	24 - 14,6%	83 - 50,6%	164 - 30,5%
TOTAL	296 - 55,2%	73 - 13,6%	167 - 31,2%	536 - 100%

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 1, é possível observar que o uso de clíticos dativos ocorre principalmente na faixa etária dos mais velhos (68,4%) e diminui progressivamente nas faixas etárias seguintes (Faixa II: 59,8%; Faixa I: 34,2%), em relação ao percentual total de 55,2%.

Já o uso da preposição *para* é principalmente frequente na faixa etária dos jovens, com 50,6% e menos frequente nas faixas II (27,4%) e III (17,8%). Quanto à preposição *a*, é válido chamar atenção para o fato de que há frequência baixa e equilibrada em todas as faixas: na faixa etária dos mais jovens (14,6%) e pouco menor na faixa etária dos mais velhos (13,6%), em relação ao total de 13,6%. Esses dados evidenciam um resultado inversamente proporcional principalmente entre os clíticos e a preposição *para*, conforme observado na Tabela 1.

Ressalto que no resultado apresentado na Tabela 1, não há ocorrência de clíticos de terceira pessoa (plural ou singular), ademais, as ocorrências de clíticos dativos são principalmente de primeira e de segunda pessoa, quando há um traço dêitico bastante forte, sem a presença de uma preposição *dummy a*, como ocorre no PE (TORRES MORAIS, 2007). Quando há presença de clítico dativo *lhe* refere-se à segunda pessoa.

Conforme se observa na Tabela 1, o dativo de terceira pessoa ocorre categoricamente com as estratégias prepositivas (nunca com clíticos), sobretudo com a preposição *para*, porém podem ocorrer também com as demais pessoas dêiticas. Em outras palavras, o dativo com preposição não é variante do dativo clítico no PB-afro. Outrossim, o fato de haver uma diminuição do uso do clítico (COD) e aumento do uso das preposições (CDP) pode ser decorrente do aumento, não apenas da 3ª pessoa do discurso, mas também do uso das 1ª e 2ª pessoas do discurso também por meio de preposição. Essa nova característica observada nos dados do PB-afro falado nas comunidades rurais aparentemente sugere uma mudança em progresso na expressão do dativo nessas comunidades, com a queda da expressão morfológica, resultando em uma mudança na sintaxe das

construções dativas: baixa frequência de construções aplicativas (COD), nos termos de Pylkkänen (2002) e aumento do uso de construções preposicionadas (CDP).

Outra questão a ser considerada é a observação da ausência de construções de redobro de clítico dativo nas comunidades afro-brasileiras, quando o dativo é um *a*-DP pronominal (*a* ele/*a* ela/*a* eles/*a* elas/*a* mim/*a* você). O fato de haver gramaticalidade de ocorrências da estratégia *a* em contextos de DP pronominal no PB-afro reforça a hipótese de Torres Morais e Salles (2010) de que o PB apresenta um conjunto de inovações no que tange à expressão casual do dativo. Isso evidencia que a preposição *a*, verificada nos dados, é proveniente do processo de interferência do modelo da língua alvo nessas comunidades, mas não é projetada por uma estrutura semelhante ao PE, como propõe Torres Morais (2007), haja vista que, segundo a autora, na variedade europeia é agramatical uma sentença com um *a*-DP pronominal sem redobro do clítico, como essas observadas no PB-afro.

Torres Morais (2007) considera o fenômeno do redobro do clítico dativo (*lhe/s* + *a* ele/*a/s*) uma evidência de COD, ou construção aplicativa, no PE, nos moldes do Espanhol (CUERVO, 2003). Levando isso em conta, o fato de não se observar tal construção nos dados do PB-afro, mas a realização do *a*-DP pronominal sem redobro, corrobora a hipótese de que, ainda que se baseie no modelo da língua alvo, quando o dativo é preposicionado por *a*, principalmente em contextos anafóricos, a gramática do dativo nas comunidades estudadas parece distanciar-se configuracionalmente daquela que se observa no modelo europeu, sendo, ao que tudo indica, uma gramática emergente do contato entre línguas ocorrido no Brasil ainda nos primeiros séculos. Portanto, assumindo hipótese de Torres Morais e Salles (2007), pode-se afirmar que esse fenômeno constatado nos dados do PB-afro caracteriza-se como uma configuração exclusiva e inovadora em relação à língua alvo.

Assim sendo, a hipótese aqui considerada é que a queda do clítico dativo de terceira pessoa¹², no curso do processo de aquisição do português como L2 pelos primeiros falantes (africanos e afro-brasileiros) nessas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no período de sua formação, teria sido resultado de uma ambiguidade desse clítico nas línguas de substrato, mais especificamente quimbundo, umbundo e quicongo.

Essa hipótese pode ser corroborada por Nzau, Venâncio e Sardinha (2013) ao afirmarem que no Português Angolano os prefixos **ku** e **mu** são responsáveis pela posição clítica e uso não-padrão do *lhe* como pronome acusativo:

¹² Fenômeno já atestado no PB de maneira geral por diversos autores (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2006; RAMOS; SALLES, 2017; GOMES, 2003; BERLINCK, 1997; 2000; 2001; 2009; TORRES MORAIS; SALLES, 2007, entre outros)

Inferimos que o facto de as funções de OD e OI ocorrerem em quimbundo, indiscriminadamente, com o prefixo “mu-” no singular e “a-” no plural (= a ele/s, a ela/s, o/s, a/s, lhe/s em português) pode ser responsável pela produção de enunciados como os que se seguem: *Ele lhe viu no mercado* (Locutor: Um jovem de instrução secundária) [...]? *Fomos nós que levámos-lhe ao hospital*. (NZAU, VENÂNCIO E SARDINHA, 2013, p. 176)

Em contexto semelhante, no PB-afro, teria se fixado um padrão, em que *lhe/lhes* servem à 2ª pessoa do discurso, em COD, configurando-se em dois tipos de gramática, em que a primeira exhibe construções que introduzem dativos apenas por meio de aplicativos, tendo em vista a ocorrência também de dados de dativo sem preposição (LUCCHESI; MELLO, 2009; BARROS, 2008; 2018); e a segunda com a previsão de alternância entre construções aplicativos e CDP, contexto em que o dativo *alvo/meta* de terceira pessoa é inserido por meio da preposição *para*, ou da preposição *a* (principalmente em contextos anafóricos¹³ e na comunidade de Sapé – que é mais próxima da zona urbana), de maneira a eliminar a ambiguidade (BARROS, 2018).

A evidência que comprova esses fatos é que, nos dados analisados no *corpus* do PB-afro, conforme se verifica na Tabela 1, o clítico dativo não se manifesta na terceira pessoa, e, ainda que se verifique a realização do clítico *lhe*, o traço formal de pessoa é de segunda do discurso.

Conforme a abordagem de mudança paramétrica, Roberts (2007) afirma que as mudanças sintáticas no sistema inato surgem através de:

- a) a ambiguidade paramétrica nos *inputs* (ou DLP) disponíveis para o adquirente; b) a opacidade / a complexidade do gatilho nesses *inputs*.

Dessa forma, é possível afirmar que a mudança no âmbito da expressão casual do dativo, e conseqüentemente da sintaxe das construções bitransitivas dinâmicas, no PB-afro seria decorrente dessas propriedades universais, a saber:

- i. conforme a), em razão da ambiguidade paramétrica nos DLP aos quais as primeiras gerações foram expostas, a aquisição do clítico de terceira pessoa como de segunda pessoa teria sofrido interferência das línguas de substrato banto, que possuem clíticos objetos acusativo e dativo homófonos (cf. seção 4);
- ii. conforme b), a ambiguidade desencadeou na queda da expressão morfológica de dativo de terceira pessoa, resultando, com isso, na falta de evidências linguísticas nos DLP para uma morfologia evidente e mais complexa de núcleo aplicativo para a terceira pessoa do discurso,

¹³ Vd. Barros (2018).

além da queda da preposição *dummy a* (TORRES MORAIS, 2007) em construções de redobro, resultando em mudança do parâmetro na variedade afro-brasileira.

Dessa forma, a evidência da mudança paramétrica ao longo das gerações nos dados observados é, em primeira instância, a ausência de clíticos dativos de terceira pessoa *lhe/lhes*; em segunda instância, a ausência de outra marca morfológica de dativo: a preposição *dummy a* em construções de redobro, típica das construções dativas na língua-alvo, o PE; e em terceira instância, como consequência das duas primeiras, a alta frequência da preposição *para*, em virtude da sintaxe não marcada da CDP, haja vista que não implica, como a proposta de Roberts (2007), em operações de *move* ou *agree*, como se verifica na COD, as quais preveem concordância morfológica do dativo em construções de redobro de clítico (TORRES MORAIS, 2007).

CONCLUSÃO

Neste artigo, defendi que o PB-afro, e por expansão posterior também o PB, por ter sofrido um processo intenso do contato com as línguas africanas (LUCCHESI; BAXTER, 1993; LUCCHESI, 2003, 2009; BAXTER, 2009), sobretudo em relação à presença das línguas bantas quimbundo, umbundo e quicongo nesse contexto sócio-histórico, apresenta vestígios de uma mudança na configuração da expressão do dativo de terceira pessoa, de expressão morfológica à expressão sintática.

Para chegar a essa conclusão, a hipótese explicativa sobre esse fenômeno gira em torno de que todo o processo de mudança foi decorrente da competição de gramáticas distintas, a saber: uma gramática proveniente do PE, com a previsão da preposição *dummy a*, como marca morfológica de núcleo aplicativo e realização do redobro do clítico de terceira pessoa *lhe/lhes* (TORRES MORAIS, 2007); outra gramática proveniente de um padrão geral das línguas bantas em que há construções aplicativos, evidenciada através da observação de construções com dativo sem preposição, como consequência da falta de evidência ou marcação morfológica mais visíveis nos dados linguísticos primários (DLP) durante a aquisição do português como segunda língua (LUCCHESI; MELLO, 2009; BARROS, 2018); e, por fim, uma gramática proveniente do substrato banto quimbundo, umbundo e quicongo, em que o padrão da sintaxe do dativo exhibe: a) CDP, em que há prefixos multifuncionais *ku*, *mu* e *vu*, resultando no PB-afro no uso em expansão da preposição *para* com dativos de terceira pessoa, e na presença das formas *a ele/a ela/a eles/a elas* sem redobro do clítico; b) COD, que se evidencia pela realização de clíticos dativos alternantes *ku* e *mu* nessas línguas, dando origem a uma ambiguidade de DLP no processo de aquisição de L2 das primeiras gerações de falantes do PB-afro, decorrente da situação de contato

entre línguas no período de formação dessas comunidades, e resultando na queda da expressão morfológica de terceira pessoa do dativo, haja vista que esta passou a ser expressa sintaticamente pelas preposições *a* e *para*, sobretudo *para*.

REFERÊNCIAS

ARMELIN, P. R. G. *Sentenças bitransitivas do Português do Brasil revisitadas à Luz da Teoria de Núcleos Funcionais Aplicativos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2011.

BAKER, M. C. *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: Chicago University Press, 1988.

BARROS, I. J. F. *As preposições introdutoras de dativo em verbos ditransitivos dinâmicos no Português rural da Bahia: evidências do contato entre línguas*. Tese de Doutorado (Língua e Cultura). Salvador: UFBA, 2018.

BARROS, I. J. F. *A variação nas construções dativas no dialeto de Helvécia (BA)*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Salvador: UNIME, 2008.

BARROS; RIBEIRO, I. Variação das preposições introdutoras de DP dativo no dialeto de Helvécia-BA. *Revista eletrônica PAPIA*, 2011, p. 209-219.

BARSS, A. & LASNIK, H. A note on anaphora and double objects. *Linguistic Inquiry*, v.17, p. 347-354. 1986.

BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criolização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, n.19, p. 65-84. 1997.

BAXTER. A concordância de número. In LUCCHESI, D. et al. (Eds.) *O português afro-brasileiro*. Salvador, EDUFBA. p. 269-294. 2009.

BAXTER. Epilogue. In: ÁLVAREZ-LÓPEZ, L.; GONÇALVES, P.; ORNELAS AVELAR, J. (eds.) *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamin. 2018 (no prelo).

BAXTER; LUCCHESI, D. Processos de crioulização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice; MOTTA, J.; MATTOS e SILVA, R. V. (Org.) *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

BAXTER; MELLO, C. F. de.; SANTANA, N. G. de A. *A construção de objeto duplo e as influências do substrato no português afro-brasileiro (e africano)*. Colóquio da ACBLPE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e espanhola). 2014.

BERLINCK, R. The Portuguese Dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCKE, W. (Ed.). *The dative*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.p.119-151.

BICKERTON, D. Creole languages and the bioprogram. In NEWMAYER, F. J. (Ed.) *Linguistics: The Cambridge survey. Volume 2: Linguistic theory: Extensions and implications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 268-84.

BICKERTON, D. The Language Bioprogram Hypothesis. *The Behavioral and Brain Sciences*, v.7, p. 173-221, 1984.

-
- BRITO, A. M. Mudança e variação em português: a expressão do objeto indirecto. *Cadernos de Literatura Comparada*, n.24/25, 2011. (Deslocações Criativas)
- BRITO, I. Categorias sintáticas. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 391-402.
- CHARTELAIN, H. *Kimbundu grammar: gramática elementar do kimbundu ou língua de Angola*. Genebra, 1888-89.
- CHAVAGNE, J. P. *La langue portugaise d'Angola*. (Unpublished doctoral dissertation). Université Lumière Lyon 2, Lyon, France. 2005.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht. Foris, 1981.
- CUERVO, C. *Datives at large*. Tese de Mestrado. MIT, Massachusetts, 2003.
- DUARTE, M. I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M.H. M. & alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Ed Livraria. cap. 10, 2003. p. 275-321.
- FREIRE, G. *A realização do acusativo e do dativo anafórico de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese de Doutorado, UFRJ, 2005.
- GALVES, C. Theoretical, empirical and methodological approaches for studying the Afro-Brazilian continuum of Portuguese. In: ÁLVAREZ-LÓPEZ, L.; GONÇALVES, P.; ORNELAS AVELAR, J. (eds.) *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamin, 2018. (no prelo)
- GOMES, C. A. *Dative alternation in Brazilian Portuguese: typology and constraints*. Language Design, Universidade de Granada, v. 5, n.1, p. 67-78, 2003.
- GOMES, D. C. T. *O uso variável do mais em Português afro-brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2014.
- GUY, G. R. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 15-62.
- HAGEMEIJER, T. O português em contacto em África. In A. MARTINS, M.; CARRILHO, E. (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2016. p.43-67.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2003. A negação nos crioulos do Golfo da Guiné: Aspectos sincrónicos e diacrónicos. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 2. 151-78.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008 [1972].
- LARSON, R. On the double subject construction. In: *Linguistic Inquiry*, n.19, p. 335-391, 1988.
- LOBO, T. 2003. *A questão da periodização da história linguística do Brasil*. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. p. 395-410

-
- LUCCHESI, D. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Lingüística Galega*. Santa Catarina - RS, v. 4, 2012, p. 45-65.
- LUCCHESI, D. História do Contato entre Línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009b, v. 1, p. 41-73, cap. 2.
- LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.
- LUCCHESI, D. Os limites da variação e da invariância na estrutura da gramática. Curitiba: *Revista ABRALIN*. v. 10, n.4, 2011.
- LUCCHESI, D. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROßE, S.; ZIMMERMANN, K. (Ed.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt amMain: TFM, 1998. p.73-100.
- LUCCHESI, D. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutorado, 2000.
- LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. São Paulo, SP: *D.E.L.T.A*, v.17, n.1, p. 97-130. 2001a,
- LUCCHESI, D. BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 101-124, cap. 4.
- LUCCHESI, D. Introdução. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 27-37, cap. 1.
- LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A. Processos de crioulização na história sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. M. (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. ; SILVA, Maria C. V. de F. O português afro-brasileiro: as comunidades de fala analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 75-100, cap. 3.
- LUCCHESI, D.; MELLO, C. F.. A alternância dativa. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 427-456, cap.18.

-
- MARANTZ, A. Implications of asymmetries in double object constructions. In MCHOMBO, S. (Ed.), *Theoretical aspects of Bantu grammar*. Stanford, CA: CSLI, 1993, p. 113-150.
- MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004. v. 1.
- MATTOSO, K. de Q. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MUSSA, A. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1991. 2 v.
- NZAU, D. G. N.; VENÂNCIO, J. C.; SARDINHA, M. da d'A. Em torno de uma consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão. *Limite* n.7, 2013, p. 159-180.
- ORDONEZ, S. G. Los dativos In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-CALPE, 1999.
- PACCHIAROTTI, S. *Bantu applicative construction types involving *-id: form, functions and diachrony*. Tese de Doutorado. University of Oregon, 2017.
- PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Topbooks Editora. 2. ed. 2001.
- PETTER, M. M. T. Línguas africanas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice; MOTTA, Jacyra; MATOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.
- PYLKKÄNEN, M. *Introducing arguments*. Tese de doutorado, MIT, 2002.
- RAMOS; SALLES, H. Sintagmas acusativos em configurações bitransitivas no português brasileiro dialetal. In: PILATI, E.; SALLES, H. L.; NAVES, R. (Orgs.) *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 131-150.
- ROBERTS, I. *Diacronic syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- SALLES, H. M. M.L. *Prepositions and the Syntax of Complementation*. PhD Dissertation. University of Wales, 1997.
- SCHER, A. P. *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- TORRES-MORAIS, M. A. *Os Dativos*. Tese de Livre Docência, São Paulo: USP, 2007.
- TORRES-MORAIS; M. A.; BERLINCK, R. de A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO, T; RIBEIRO, I; CARNEIRO,

Z.; ALMEIDA, N. *Novos dados, novas análises*. v. 1. t. 1. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 73-106.

TORRES-MORAIS; M. A; SALLES, H.M.L. *Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese*. Presented at LSRL 37, University of Pittsburgh. 2007.

VIANNA FILHO, L. *O negro na Bahia*. Rio de Janeiro - RJ, s. n., 1946. Recebido em: 29 abr 2008.

XAVIER, M. F. *Argumentos e preposicionados em construções verbais: um estudo contrastivo das preposições a, de, to e from*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 07 de março de 2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15 de março de 2019.